

# TRADUÇÃO

## A GUERRA ANGLO-FRANCESA CONTRA A RÚSSIA

Karl Marx

*Tradução e Introdução: Fernando Marineli e  
Luciano Dutra\**

### *KARL MARX E O OFÍCIO DE JORNALISTA*

De prolíficos resultados, a carreira de jornalista de Karl Marx iniciou-se nos tempos em que ele freqüentava a universidade de Berlim. Num primeiro momento, como editor-chefe da *Gazeta Renana*, período em que estava ligado às posições neo-hegelianas, depois como fundador e editor da *Nova Gazeta Renana*, quando já desenvolvia sua produção propriamente madura, Marx sempre delineou um tipo de jornalismo crítico e de profundidade científica que, a um só tempo, provocava repúdio e admiração. Seu extenso conhecimento sobre os mais diversos assuntos de que tratava era espantoso, ao mesmo tempo em que sua posição era perigosamente de oposição radical ao *status quo*. Quando se deparava com alguma questão frente a qual se sentia inseguro, Marx debruçava-se sobre textos históricos fundamentais e empreendia a leitura de todos os artigos de jornal que versavam sobre as questões de seu interesse. É fato que a Guerra da Crimeia (1853-56) contou com uma importante cobertura jornalística de campo, a primeira cobertura de guerra da história, fornecendo dados detalhados sobre o cotidiano das frentes de batalha, mas a voracidade de Marx sobre os acontecimentos é digna de nota.

Os artigos aqui apresentados foram escritos no ano de 1855, quando Marx, além de escrever para o *New York Daily Tribune*, passou também a colaborar com a *Neue Oder-Zeitung*, jornal liberal de Breslau – muitos textos, desde então, são publicados nos dois jornais, algumas vezes modificados. Os artigos escritos por Marx para o *NYDT* sempre contaram com intensa colaboração de Engels, seja como autor nas ocasiões em que Marx

estava impossibilitado de escrever por conta de outros trabalhos, ou seja porque, principalmente no início da colaboração com o jornal, em 1851, Marx os escrevia em alemão e era Engels quem os traduzia para a língua inglesa. Em meados de 1853, Marx sentia-se já seguro para escrever diretamente em inglês. Muitos artigos dele chegam a ser publicados como editoriais do jornal à revelia e sua assinatura só aparece em outros de menor importância, como ele reclamou com Engels e com o próprio editor. A colaboração de Engels também se fez presente nos artigos da *Neue Oder-Zeitung*, escritos em alemão.

Este trabalho de traduzir do inglês uma série de artigos jornalísticos escritos por Marx e Engels envolve um conjunto maior de textos. Os três artigos ora apresentados são uma pequena parte daqueles que tratam diretamente da Guerra da Crimeia e, mais especificamente, versam sobre Napoleão III (e a situação do governo francês sob seus auspícios), cujo Golpe de Estado para tornar-se imperador da França, já havia sido tratado por Marx na obra *18 de Brumário de Luís Bonaparte* e que, por sua importância histórica na consolidação de uma forma de ser da burguesia, foi sempre objeto da crítica marxiana.

No primeiro e no terceiro textos, “Sobre a História da Aliança Francesa” e “A Guerra Anglo-Francesa Contra a Rússia”, os autores traçam um curto, mas exemplar panorama da aliança entre França e Inglaterra feita com objetivos políticos bastante particulares e sem um plano consensual de largo espectro e finalidade civilizatória como poderia parecer. Do mesmo modo, criticam o modo de condução destes exércitos aliados, bem como do próprio exército russo em uma guerra que se estende por vasto território sem trazer resultados visíveis. Já no segundo artigo, “Um Escândalo no Legislativo Francês”, Karl Marx discorre sobre os conflitos na câmara bonapartista e sobre a criação e destruição descabida de um exército de milícia criado na Inglaterra. Para estas traduções, foi utilizado o volume 14 dos *Collected Works* de Marx e Engels (1980), editado pela Progress Publishers,<sup>1</sup> que cobre o período de fevereiro de 1855 a abril de 1856 da produção marxiana e apresenta tanto traduções de artigos e outros textos originalmente escritos em alemão, quanto artigos escritos apenas em inglês, além do cotejamento nas duas línguas quando é o caso de haver as duas versões – ao final das traduções, indica-se onde foram publicados, também de acordo com os *Collected Works*. As notas de rodapé, indicadas por N.E. (Nota do Editor), constituem traduções daquelas existentes no texto original da compilação utilizada.

É importante demarcar, por fim, a dificuldade da tradução de alguns termos e sentenças técnicos, pertencentes ao vocabulário militar. Naturalmente, o interesse maior recai sobre as questões gerais levantadas, seja no âmbito histórico da Guerra da Crimeia, seja sobre a postura adotada e veiculada em jornais como o *New York Daily Tribune* que “fundado em 1841, era um jornal extraordinariamente influente e o *New York Weekly*

Tribune, composto de seleções de artigos do Diário, tinha uma circulação de 200.000 exemplares por toda a América”.<sup>2</sup>

## SOBRE A HISTÓRIA DA ALIANÇA FRANCESA

*Londres*, 6 de março. O *Morning Herald* de hoje surpreendeu Londres com o seguinte anúncio:

Temos excelente suporte para declarar que o Imperador francês protestou contra o comitê de investigação sobre a conduta da guerra e que ele disse que, no caso da continuidade do cerco, os exércitos das duas nações não poderão atuar juntos, ainda que possam atuar pelo mesmo objetivo. Na direção de [...] satisfazer Luís Napoleão, sem afrontar o povo inglês, a dissolução do Parlamento [...] acontecerá<sup>3</sup> assim que possível.

Sem atribuir muita importância a este parágrafo no *Herald*, registramo-lo como um dos muitos sintomas que indicam que *forças secretas, em ambos os lados do Canal, estão trabalhando para causar uma dissolução da aliança anglo-francesa*.

Neste contexto, os relatórios feitos pelo ex-ministro *Sir James Graham* devem ser recordados<sup>4</sup>: sob pressão do Comitê de Investigação, nosso almirante<sup>5</sup> seria forçado a revelar todas as considerações que levaram ao adiamento do bloqueio, e a investigação incluiria nossas relações com nosso grande e poderoso aliado em um momento quando é de extrema importância que não haja o menor mal-entendido.

*Sidney Herbert*: Ele desafiou o Comitê a ir ao fulcro da questão sem correr o risco de insultar nosso exército na Crimeia e possivelmente estremecer a confiança de nossos aliados. Ao menos um de seus membros estava apto a deter o Comitê assim que pisasse em terreno perigoso, uma grande injustiça seria feita e mesmo os oficiais convocados para esta atividade talvez fossem sacrificados, pois questões incriminativas poderiam ser apresentadas contra eles, enquanto não poderiam responder, pois, se o fizessem, eles teriam que realizar perigosas e delicadas revelações. Ele, por si, pensou em seu dever de impedir os oficiais do exército britânico de serem colocados em uma posição onde seriam feitos objetos de acusação enquanto suas mãos estivessem atadas e estivessem impossibilitados de se defenderem.

*Gladstone*: Entre outras coisas, um comitê teria que examinar por que uma estrada de Balaclava não foi construída antes! Se o Comitê não investigasse isto, não chegaria a lugar nenhum. Se, de qualquer forma, fosse investigada esta questão, a resposta seria: déficit de mão-de-obra. Se então se perguntasse o que causou esta falta de mão-de-obra, a resposta seria que os homens estavam cavando trincheiras e que esta seria *uma obrigação*

*extensa devido à proporção em que as posições foram distribuídas entre os franceses e os ingleses.* Eu afirmo, além disto, que uma investigação seria um pretexto vazio, ao menos que tenha sondado a questão das estradas e, se sondasse esta questão, a defesa das partes acusadas perturbaria diretamente as mais íntimas relações entre a Inglaterra e a França.

Compreensivelmente, estes relatórios ministeriais fizeram irromper em abundância as sementes amplamente dispersas da desconfiança. O orgulho nacional já havia sido severamente ferido pelo abandono do exército britânico na Crimeia ao dever de guarda em Balaclava. E, então, surgiu o artigo semioficial no *Moniteur* com seus comentários “imperiais” sobre a Constituição Britânica<sup>6</sup>. Isto provocou respostas cáusticas da imprensa semanal daqui. Em seguida, surgiu a publicação da *Mémoire* de Bruxelas, na qual Luís Bonaparte é representado, por um lado, como o criador da expedição da Criméia e, por outro, como o criador das concessões à Áustria<sup>7</sup>. Pela brutalidade, os comentários sobre esta *Mémoire* como, por exemplo, aquele no *The Morning Advertiser* – lembra uma das “Cartas de um Inglês” no *coup d’état* de 02 de dezembro<sup>8</sup>. O seguinte extrato do órgão cartista, *The People’s Paper*, ilustra as repercussões de tudo isto na verdadeira imprensa popular<sup>9</sup>:

Foi ele (Bonaparte) que seduziu a Inglaterra para a Crimeia. [...] Nosso exército, uma vez naquela armadilha, foi colocado por ele em tal posição que ultrapassou o limite das forças russas antes mesmo de terem constituído suas próprias forças. [...] em Alma, em Balaclava, em Inkermann, em Sevastopol, os britânicos atuaram em posições perigosas. Eles tiveram que suportar o impacto – eles tiveram que sofrer a perda maior; [...] a Inglaterra se comprometeu a enviar apenas um terço dos homens que a França enviou. Este terço teve que lutar na quase totalidade das batalhas. Este terço teve que tomar mais da metade das posições antes de Sevastopol. Nosso exército foi destruído, porque eles não conseguiram obter a comida e as roupas que apodreciam em Balaclava. E não conseguiram obtê-las porque não havia estradas de Balaclava para Sevastopol e não havia estradas de Balaclava para Sevastopol porque Napoleão exigiu que os britânicos, com menos de um terço das suas forças, [...] deveriam fazer mais da metade do serviço nas trincheiras; e, portanto, eles não tinham homens suficientes para destacar para fazer a estrada. [...] Este é o segredo do qual Graham, Sidney Herbert e Gladstone deram a dica... Deste modo, ele, Napoleão, deliberadamente assassinou 44.000 de nossos soldados etc.

Todos estes indicativos de irritação suspeita com o aliado francês ganham importância pelo fato de Lord Palmerston estar no topo do governo – um homem que em toda ocasião alcançara sua posição escalando a escada da aliança francesa e, então, transformou repentinamente esta aliança entre a França e a Inglaterra numa guerra quase inevitável. Assim foi no caso Turco-Sírio de 1840 e com o tratado de 15 de julho<sup>10</sup>, com o qual ele

coroou sua aliança de dez anos com a França. Em referência a isto, Sir Robert Peel observou em 1842 que “*ele nunca entendeu claramente* porque a aliança com a França, da qual o nobre lorde sempre pareceu ser tão orgulhoso, foi rompida”.<sup>11</sup>

E, assim, uma vez mais, em 1847, sobre a ocasião dos casamentos espanhóis<sup>12</sup>. À época, foi declarado por Palmerston – aquele que, em 1846, quando foi permitido reassumir seu posto somente depois de ter cumprido seus respeitos à Luís Filipe, reconciliou-se com ele com grande ostentação e bajulou os franceses num discurso na Casa dos Comuns – que foi Luís Filipe quem dissolveu a aliança por conta da violação do Tratado de Utrecht<sup>13</sup> (um tratado esquecido em 1793 e nunca renovado desde então) e porque ele havia cometido um “ato de perfídia” contra a Coroa Inglesa. Este “ato de perfídia” foi realmente cometido, mas, tal como os documentos publicados na sequência provaram, Palmerston manobrou, da maneira mais perspicaz, a Corte Francesa para este ato de perfídia, de modo a obter um *pretexto* para a quebra da aliança. Enquanto o astuto Luís Filipe pensava que estava passando a perna no outro, ele simplesmente caiu na cuidadosa armadilha do “divertido” visconde. A revolução de fevereiro exclusivamente preveniu a erupção da guerra entre a Inglaterra e a França nesta hora.

Escrito em 6 de março de 1855.

Originalmente publicado na *Neue Oder-Zeitung* nº 115, de 9 de março de 1855.

### *UM ESCÂNDALO NO LEGISLATIVO FRANCÊS – A INFLUÊNCIA DE DROUYN DE LHUYS – O ESTADO DA MILÍCIA*

*Londres*, 3 de abril. Somos informados por um correspondente em Paris:

No *corps législatif* Bonapartista, ocorreu uma cena fadada a cair na imprensa inglesa. Durante o debate sobre a Lei de *Reposição*<sup>14</sup>, *Granier de Cassagnac* se sobressaltou – depois do discurso de *Montalembert* – e, em sua fúria, deixou escapar o segredo. Somente quando esta lei entrar em vigor, ele disse, o exército se tornará o que realmente deve ser, dedicado à ordem, à lei e ao Imperador e nós nunca mais testemunharemos o olhar vergonhoso dos soldados recolhendo seus mosquetes” (*soldats à baïonnettes renversées*). “A conclusão deste discurso, no qual o sistema janízaro<sup>15</sup> foi abertamente pregado como um ideal para o exército, provocou intensos protestos mesmo em uma assembleia como esta e Granier foi obrigado a se sentar. Outro membro do Poder Legislativo, num sobressalto se levantou e atacou pungentemente Granier. O escândalo foi tão grande que mesmo Morny teve de desafiar Cassagnac” (é bem sabido que ele

foi chamado de *le roi des drôles*<sup>16</sup> por Guizot quando ainda estava editando seu pequeno panfleto, o *Globe*) “para se explicar. Granier redigiu uma *apologia formal* com a maior submissão e pessoalmente cuidou para que o incidente passasse despercebido no *Moniteur*. A sessão estava tão tempestuosa como nos melhores dias da Câmara dos Deputados de Luís Filipe.”

“O público britânico”, registra o *The Morning Chronicle* hoje<sup>17</sup>, “chegou à conclusão de que M. Drouyn de Lhuys foi à Viena para atuar como um tipo de instigador e bajulador do Lorde John Russell cujos procedimentos até agora não deu satisfações nem para seus próprios compatriotas, tampouco para nossos aliados. [...] O nobre Lorde é famoso por seus ímpetos e explosões de patriotismo e liberalismo; pelo seu extremo espírito público, enquanto na oposição ou quando precisa de capital político, e por seus colapsos repentinos quando a necessidade imediata acaba. Algo desse tipo parece ter-lhe acontecido na presente ocasião; e o povo está começando a reclamar. Desde que M. Drouyn de Lhuys veio a Londres, é sensível um tom mais decidido no alto comando. Tornou-se mesmo público que sua missão até agora tem sido bem sucedida, que as aspirações de paz de Lorde John Russell têm sido oficialmente frustradas e que *nosso ‘homem forte’*” (Palmerston) “tem relutantemente consentido com um ultimato à Rússia [...] que é praticamente rejeitar com desdém.”

O Exército Inglês desapareceu e a milícia inglesa está em processos de desaparecimento. A Milícia, que foi criada pelo Ato Parlamentar de 1852 sob o comando de Lorde Derby, não deveria por lei ser convocada por mais de 28 dias por ano sob circunstâncias normais. No caso de uma guerra de invasão, no entanto, ou por qualquer outra razão importante ou urgente, ela poderia ser incorporada ao exército para serviço permanente. Mas, por um Ato Parlamentar de 1854, todos os homens recrutados, depois de 12 de maio de 1854, foram obrigados a servir pela duração da guerra. A questão que se levantou agora é quais são as obrigações daqueles que foram recrutados sob o Ato de 1852. Os advogados da Coroa declararam que consideram esta categoria também responsável pelo serviço permanente durante a guerra. Mas, há poucas semanas, Lorde Panmure, em contradição com esta decisão jurídica, emitiu uma ordem permitindo a todos aqueles recrutados anteriormente ao Ato de 1854 saírem, mas garantindo um pagamento de £1 se eles se alistarem pelos próximos cinco anos. Como agora, o pagamento para os recrutados se alistarem por dois anos no exército regular é de £7 para a infantaria e de £10 para a cavalaria, um pagamento de £1 por cinco anos de serviço na milícia foi o meio mais eficaz de dissolvê-la. Lorde Palmerston, que hesitou em convocar a milícia por quase um ano, parece querer ver-se livre disto novamente o quanto antes. Consequentemente, fomos informados que, na última quinzena, um regimento de milícia após outro perdeu

de 2/3 a 5/8 de suas forças. Desse modo, no Primeiro Regimento da Milícia de Somerset 414 homens de 500 resignaram-se, na Milícia de Durham do Norte, 770 homens de 800, na Milícia de Leicester, 340 de 460, na Artilharia de Suffolk, 90 de 130 etc.

Escrito em 3 de abril de 1855.

Originalmente publicado no *Neue Oder-Zeitung* nº 163, de 7 de abril de 1855.

## A GUERRA ANGLO-FRANCESA CONTRA A RÚSSIA<sup>18</sup>

Karl Marx e Friederich Engels

[*Neue Oder-Zeitung*, nº 385, 20 de agosto de 1855]

*Londres*, 17 de agosto. A Guerra anglo-francesa contra a Rússia indubitavelmente vai sempre figurar na história militar como “a guerra *incompreensível*”. Palavras grandiosas combinadas com ação mínima, ampla preparação e resultados insignificantes, precauções cunhadas na timidez, seguidas pela imprudência nascida da ignorância, generais mais que medíocres unidos a tropas mais que bravas, derrotas quase propositais nos calcanhares de vitórias obtidas através de enganos, exércitos arruinados pela negligência e, então, salvos pelos mais estranhos acidentes – um grande conjunto de contradições e inconsistências. E esta está perto de ser tanto a marca registrada dos russos como a de seus inimigos. Se os britânicos destruíram um exército exemplar por meio da má-administração dos servidores civis (milicianos) e da indolente incompetência dos oficiais; se os franceses tiveram que correr riscos inúteis e sofrer enormes perdas simplesmente porque Luís Napoleão fingiu dirigir a guerra de Paris; os russos, por sua parte, sofreram perdas similares como resultado da má-administração, e de ordens banais, porém categóricas, de Petersburgo. Desde as guerras turcas de 1828-29, os talentos militares do Tsar Nicholas têm sido “ignorados em silêncio” mesmo por seus mais servis bajuladores. Se os russos têm Todtleben, que *não é um russo*, eles têm por outro lado Gorchakov e [outros] “*ovs*” que não devem nada a St. Arnauds e Raglans no quesito incompetência.

Alguém suporia que agora, sob qualquer aspecto, quando tantas mentes estão ocupadas em desenvolver planos plausíveis de ataque e defesa, e considerando esta amplificação da massa de homens e materiais, alguma ideia estupenda deveria surgir. No entanto, nem sinal disto. A guerra se arrasta e seu prolongamento serve apenas para aumentar a área de combate. Quanto mais se proliferam novas arenas de guerra, menor é a atividade em cada uma delas. Neste momento, temos seis: *o Mar Branco, o Báltico, o Danúbio, a*

*Criméia, o Cáucaso e a Armênia.* O que tem acontecido por toda esta imensa área pode ser relatado no espaço de uma coluna.

Do *Mar Branco*, a frente anglo-francesa sabiamente não diz coisa alguma. Aqui eles têm somente dois objetivos militares viáveis: impedir o comércio litorâneo e qualquer outra transação dos russos nestas águas e, se possível, tomar Arcângelo. O primeiro objetivo foi perseguido, mas somente até certo ponto; neste ano, assim como no anterior as esquadras aliadas sempre chegaram muito tarde e saíram muito cedo. O segundo objetivo, a tomada de Arcângelo, nunca foi iniciado. Ao invés de se encarregar disto, seu real dever, o esquadrão de bloqueio espalhou-se em realizar negligentes ataques em vilas russas e de Lapp e também destruir o pouco que os pobres pescadores possuíam. A desculpa sugerida pelos correspondentes ingleses para estes infames descaminhos é a melancólica irritabilidade de um esquadrão que se sente incapaz de se debruçar em um trabalho sério! Uma desculpa e tanto!

No *Danúbio*, nada acontece. O delta deste rio não está nem mesmo sendo expurgado dos bandoleiros que o infestam. A Áustria detém a chave da porta que leva à Rússia por este lado e parece determinada a segurá-la.

No *Cáucaso*, tudo está quieto. Os formidáveis Circassianos, como todos os bárbaros e montanheses independentes, parecem estar perfeitamente satisfeitos com a retirada da coluna móvel russa de seus vales e não têm qualquer desejo de descer à planície salvo para incursões de pilhagem. Eles sabem como lutar somente em seu próprio território e parecem, além do mais, longe de estarem contentes com a provável anexação pela Turquia.

Na *Ásia*, a Turquia deve ser vista como ela realmente é – seu exército lá localizado reflete totalmente o estado decadente do império. Julgou-se necessário chamar os *giaour* francos para dar assistência; mas os francos<sup>19</sup> nada podiam fazer lá, exceto realizar trabalhos de campana. Todas as suas tentativas de fazer as tropas adotarem métodos civilizados de guerra falharam totalmente. Os russos se aproximaram de Kars e estão aparentemente preparados para atacar a cidade sistematicamente. É difícil enxergar como a cidade pode ser salva, a menos que Omer Pasha desembarque em Batum com 20.000 homens e ataque os russos pelo flanco. É incompreensível, e de forma alguma do caráter dos russos, que eles tenham agido de forma tão cautelosa e hesitante frente a este adversário indisciplinado quando eles tinham de 20.000 a 30.000 boas tropas à sua disposição. Sejam quais forem os sucessos que eles alcancem nesta arena de guerra, o máximo que eles podem obter é a captura de Kars e Erzerum. Quanto a uma marcha sobre Constantinopla através da Ásia Menor, está completamente fora de questão. Por enquanto, então, a guerra na Ásia não serve para outra coisa que o interesse local e considerando que é dificilmente

possível, dada a inexatidão dos mapas existentes, expressar à distância uma opinião precisa tática e estratégica, não trataremos deste assunto além deste ponto. Ainda restam as duas principais arenas de guerra, a Crimeia e o Báltico.

[*Neue Oder-Zeitung*, nº 387, 21 de agosto de 1855]

*Londres*, 18 de agosto. Na Criméia o cerco se arrasta letargicamente.<sup>20</sup> Os franceses e os britânicos estiveram trabalhando por todo o mês de julho nos novos *acessos* ao forte e a Malakhov e, embora tivéssemos repetidamente tendido a crer que eles tivessem se deslocado para “bem perto” dos russos, agora sabemos que em 4 de agosto a ponta da trincheira estava a não menos que 115 metros da principal barreira russa e talvez nem mesmo perto disso. É certamente satisfatório ver Hotspur Pélissier<sup>21</sup> humilhado pelo reconhecimento de que seu “sistema de assalto” falhou e que os trabalhos regulares de cerco devem pavimentar o caminho para suas colunas; mas com tudo isso, deixar 200.000 homens quietos em suas barracas esperando pela finalização destas trincheiras, e entretanto, morrendo de cólera e febre, é uma extraordinária administração. Se – como os jornais parisienses sustentam – o Chernaya não pode ser cruzado, tendo em vista a sólida posição russa do lado mais distante, algo útil poderia ao menos ser alcançado por uma expedição marítima à Eupatoria e por uma tentativa de forçar os russos neste lado até campo aberto e descobrir sua real força e a situação de seus recursos. O que importa agora é o estado dos turcos, sardenhos e metade dos exércitos francês e inglês que foram reduzidos ao papel de espectadores passivos. Por conseguinte uma grande parte deles poderia ser usada para distrações. Mas as únicas distrações que ouvimos falar são aquelas criadas toda noite no Astley’s Amphitheatre, nos Jardins Surrey e nos Jardins Cremorne onde em meio a uma tempestade de aplausos dos patrióticos “*cockneys*”,<sup>22</sup> os russos sofrem terríveis derrotas.

Os russos devem ter recebido, neste momento, todos os seus reforços e estarão com sua força máxima no período que se segue. Os britânicos estão enviando mais alguns regimentos, os franceses despacharam de 10.000 a 15.000 homens e prometem mais, ao todo, de 50.000 a 60.000 novos soldados estão prestes a serem adicionados às forças aliadas na Crimeia. Além disto, o Governo Francês registrou ou comprou um grande número de barcos a vapor (divergentemente colocados entre 50 e 100), tudo isso será usado numa expedição no Mar Negro. Se eles estão interessados pelo Mar de Azov ou pela entrada no Nieper e no Bug, onde Ochakov, Kinburn, Kherson e Nikolayev constituiriam objetos de ataque, é uma questão a ser observada. Mencionamos numa outra ocasião que alguns conflitos sangrentos poderiam ser esperados pelo meio de agosto, ocasião em que os russos, depois de receber reforços, novamente tomariam a *iniciativa*. Sob o comando do General

Liprandi, eles, de fato, realizaram um ataque direcionado contra os franceses e os sardenhos no Chernaya e foram derrotados com grandes perdas.<sup>23</sup> As perdas dos Aliados *não* foram contabilizadas e, no entanto, devem ter sido muito consideráveis. Algo mais que relatórios telegráficos será necessário para discutir este assunto com maiores detalhes.<sup>24</sup>

Finalmente no *Báltico*, “um grande abalo foi ocasionado”!<sup>25</sup> *Vide* a imprensa inglesa. Bombardeamento de Sweaborg!<sup>26</sup> Destruição de Sweaborg! Fortificações e todas as outras instalações estão em ruínas! Sweaborg deixou de existir de fato! Glorioso triunfo para os aliados! A Marinha está num estado indescritível de entusiasmo! E agora vamos considerar os fatos como realmente são.<sup>27</sup> As frotas aliadas, seis navios, quatro ou cinco grandes fragatas (navios de bloqueio)<sup>28</sup>, e por volta de trinta navios armados e canhoneiros, atravessaram do Revel à Sweaborg em 7 de agosto. No dia 8, tomaram suas posições. As embarcações pequenas passaram pelos bancos de areia e pelas rochas a oeste do forte, onde nenhum barco grande poderia passar, e aparentemente avançaram para longo alcance das ilhas onde Sweaborg está situada. As grandes embarcações permaneceram do lado de fora e, tanto quanto podemos julgar, fora do alcance dos fortes. Então os navios armados e os canhoneiros abriram fogo. Nenhum fogo direto aparentou ter sido empreendido. Tudo se resumiu a um bombardeio com morteiros e armas com o maior ângulo possível. O bombardeio durou quarenta e cinco horas e não é possível estimar o montante de danos causados sem a contabilização detalhada de ambas as partes. O arsenal e vários armazéns de pólvora (aparentemente pequenos) foram destruídos. A “*cidade*” de Sweaborg (até onde sabemos, somente algumas casas inabitadas por pessoas ligadas às frotas ou aos trabalhos) foi incendiada. Quanto às fortificações em si, o dano causado só poder ser insignificante e as tropas, de acordo com ambos os Almirantes, *não tiveram nenhum homem morto*, somente alguns feridos e nenhuma perda sequer em *matériel*.<sup>29</sup> Não haveria melhor prova do que terem se mantido longe da tendência do prejuízo. De outro modo eles poderiam bombardear, mas não agir por fogo direto, pelo qual fortificações isoladas podem ser destruídas. Dundas, que é de longe mais honesto e controlado no seu relatório do que o Almirante francês, de acordo com a tradução do *Moniteur* do texto que deve ter sido maquiado em Paris, confirma que o dano causado está confinado a três ilhas (de sete que compõem Sweaborg) que estão situadas a oeste da entrada principal para a baía de Helsingfors. Um ataque à entrada principal sequer aparenta ter sido tentado. Parece que as grandes embarcações observaram e nada fizeram, e o ato decisivo de um ataque deste – o desembarque das tropas para se familiarizar com a entrada e destruí-la – estava totalmente fora de questão. Assim, o dano causado recaiu exclusivamente sobre lojas e armazéns – isto é, sobre coisas facilmente substituíveis; e, se os russos auxiliá-los oferecendo seu tempo e disposição, em três semanas Sweaborg estará em condições tão boas quanto

nunca esteve. Militarmente falando, Sweaborg não sofreu nada, os resultados materiais de toda a operação mal valem seu custo; e parece que a empreitada foi empreendida meramente porque as tropas do Báltico deviam fazer alguma coisa antes de voltarem para casa para o descanso, em parte porque Palmerston queria concluir a sessão parlamentar com fogos de artifício. Infelizmente o evento ocorreu com 24 horas de atraso para este fim. Assim foi a gloriosa destruição de Sweaborg pelas tropas Aliadas. Retomaremos esta questão assim que relatórios detalhados chegarem a nossas mãos.<sup>30</sup>

Escrito em 17 e 18 de agosto de 1855.

Originalmente publicado no *Neue Oder-Zeitung*, nºs 385 e 387, de 20 e 21 de agosto de 1855.

Uma versão reduzida da segunda parte do artigo foi publicada como artigo principal no *New York Daily Tribune* nº4483, de 1º de setembro de 1855, e reimpressa no *New York Semi-Weekly Tribune* nº1072 de 4 de setembro de 1855.

*Tradução recebida em Abril/2008; aprovado em maio/2008.*

### *Notas*

\* Fernando Marineli e Luciano Dutra são Cientistas Sociais pelo CUFSA.

<sup>1</sup> MARX, K., ENGELS, F. *Collected Works. Vol. 14. February 1855 – April 1856*. Moscow: Progress Publishers, 1980.

<sup>2</sup> MCLELLAN, D. *Karl Marx – Vida e Pensamento*. Petrópolis: Vozes, 1990. p. 304-305.

<sup>3</sup> N.E. “Inglaterra e França. A Provável Dissolução do Parlamento”, *The Morning Herald*, nº 22372 de 06 de março de 1855.

<sup>4</sup> N.E. Os discursos de Graham, Herbert e Gladstone na Casa dos Comuns, em 23 de fevereiro, foram reproduzidos no *The Times*, nº 21986 de 24 de fevereiro de 1855.

<sup>5</sup> N.E. J.W.D. Dundas.

<sup>6</sup> N.E. *Le Moniteur Universel*, Nº 48 de 17 de fevereiro de 1855.

<sup>7</sup> N.E. A referência é ao panfleto anônimo *De la conduite de la guerre d’Orient...*, publicado em Bruxelas em 1855, que criticava a conduta da campanha na Crimeia. O panfleto foi atribuído, entre outros autores, ao Príncipe Napoleão (Jérôme Bonaparte Jr.).

<sup>8</sup> N.E. A comparação é com o artigo “A História Secreta da Expedição Crimeia” (*The Morning Advertiser*, nº 19875, de 03 de março de 1855) e as anônimas “Cartas de Um Inglês” por A. Richards, que foram publicadas no *The Times*, entre dezembro de 1851 e novembro de 1852, e apareceram em forma de livro em 1852.

<sup>9</sup> N.E. O extrato é do discurso entregue por Ernest Jones na Sala St. Martin em 27 de fevereiro de 1855. Marx cita-o de um relatório publicado no *The People’s Paper*, nº 148 de 03 de março de 1855.

<sup>10</sup> N.E. Uma referência ao agravamento das diferenças anglo-francesas no Oriente Médio, durante a guerra Turco-Egípcia de 1839-41. A conclusão, sem a participação francesa, da Convenção de Londres de 15 de

julho de 1840, sobre a ajuda dos Poderes Ocidentais ao Sultão em sua luta contra o governante egípcio Mehmet Ali, criou o perigo de guerra crescente entre a Inglaterra e a França. Temendo a formação de uma coalizão antifrancesa, a França foi forçada a interromper seu apoio ao Egito.

<sup>11</sup> N.E. Do Discurso de Pél na Casa dos Comuns em 10 de agosto de 1842. *Hansard's Parliamentary Debates*, terceira série, vol. LXV, col. 1281-82, Londres, 1842.

<sup>12</sup> N.E. Em 1846, o Governo de Guizot gerenciou o arranjo do casamento da infanta espanhola Maria Luisa Fernanda com o filho mais novo de Luís Filipe, o duque de Montpensier, para frustrar os planos ingleses de casar Leopold de Coburg com a rainha Isabella II da Espanha. A tensão entre os governos britânico e francês sobre estes projetos de casamento se tornou bem séria e, depois do fracasso da diplomacia britânica, Palmerston procurou um pretexto para se vingar.

<sup>13</sup> N.E. O Tratado de Utrecht de 1713 foi um de uma série de tratados de paz concluintes da guerra de sucessão espanhola, que foi travada de 1701, entre a França e a Espanha, por um lado, e os países da coalizão anti-francesa (Grã-Bretanha, Holanda, Portugal, Prússia, Savoy e Habsburg Áustria) por outro. A Áustria não assinou o tratado e fez as pazes com a França em Bastatt em 1714. Sob os termos do tratado, Filipe V, o rei da Espanha Bourbon, e o neto de Luís XIV, retiveram a coroa espanhola. O rei da França deveria renunciar ao seu direito e aos de seus sucessores da dinastia Bourbon à coroa espanhola. Várias posses francesas e espanholas nas Índias Ocidentais e na América do Norte, bem como Gibraltar, passaram para mãos britânicas. Quando acusou a França em 1846 de violar o Tratado de Utrecht, Palmerston tinha em mente os planos de Luís Filipe para unir as duas monarquias através do casamento de seu filho mais novo e a infanta espanhola.

<sup>14</sup> N.E. O sistema de recrutamento em vigor na França até 1872 (abolido pela Revolução Francesa, mas reintroduzido por Napoleão I) permitiu aos membros das classes proprietárias, convocadas pelo exército, requerer substitutos. Numa tentativa de asseverar o controle sobre as forças armadas, o governo Bonapartista, em abril de 1855, introduziu a Lei do Dote, sob a qual os substitutos, se não tivessem parentesco próximo com os alistados, teriam que ser providos pelo Estado. Em retorno, a pessoa dispensada do serviço teria de contribuir com uma soma fixa para o fundo do “dote do exército”.

<sup>15</sup> N.T. Sistema de guarda-costas de déspotas. Também uma referência aos soldados do corpo de elite do exército turco criado no século XIV e abolido em 1826.

<sup>16</sup> N.E. O rei dos canalhas.

<sup>17</sup> N.E. 03 de abril de 1855.

<sup>18</sup> N.E. Uma versão em inglês da segunda parte deste artigo, escrita por Engels, apareceu no New York Daily Tribune em 1º de setembro de 1855 como artigo principal e com o título “A Guerra”. É consideravelmente menor que a versão em alemão e, em algumas passagens, particularmente no início, contém mudanças editoriais. Provavelmente foram os editores do Tribune que encurtaram o texto consideravelmente. Onde a versão em alemão difere substancialmente da inglesa, estará indicado nas notas de rodapé.

<sup>19</sup> N.E. Nome frequentemente aplicado aos europeus ocidentais no Oriente Médio.

<sup>20</sup> N.E. Ao invés desta frase o *New-York Daily Tribune* traz: “Nossos arquivos de jornais ingleses, franceses e alemães, recebidos ontem pela manhã pelo correio do *Canadá*, não lançaram luz adicional na batalha de 16 de agosto, no Chernaya, onde Liprandi foi anulado pelas forças aliadas e inúmeros russos foram feitos prisioneiros. A respeito deste assunto, devemos esperar pelo próximo navio a vapor antes de recebermos qualquer detalhe satisfatório. É particularmente suspeito, de qualquer forma, que tão pouco se soubesse disto em Paris e Londres antes da navegação do Canadá. Teria sido realmente tão decisivo quanto os jornais ingleses expressam que algo mais do que os relatos bastante incompletos agora em nossa posse agora tivessem naturalmente vindo a público.

“Parece que o assalto a Malakov, que estava previsto para acontecer no dia 15, teve que ser adiado e o bombardeio preliminar não começaria até o dia 17. De fato, há razões para suspeitar que o andamento do cerco não estava tão adiantado quanto os jornais de Paris e Londres relataram.”

<sup>21</sup> N.E. Pélissier é ironicamente comparado a Sir Henry Percy (1364 – 1403) chamado Hotspur (*destemperado em português N.T.*), o filho mais velho do primeiro conde de Northumberland, como retratado na Parte 1 do Henrique IV de Shakespeare.

<sup>22</sup> N.T. Marx utiliza esta palavra originalmente em inglês que significa *londrino*, mais especificamente do

East End em Londres onde se tem um dialeto com este nome.

<sup>23</sup> N.E. Em 16 de agosto de 1855, as tropas russas atacaram os franceses e os sardenhos no rio Chernaya, por volta de doze quilômetros a sudeste de Sebastopol, numa tentativa de enfraquecer o cerco dos Aliados à cidade. No entanto, os russos foram anulados e sofreram duras perdas devido à inadequada preparação do ataque e a erros por parte do comando russo.

<sup>24</sup> N.E. Ao invés deste parágrafo e da maior parte do anterior, começando com as palavras “Se – como os jornais parisienses sustentam – o Chernaya não pode ser cruzado”, o *New York Daily Tribune* traz: “É preciso confessar que do começo ao fim, esta tem sido uma guerra de incompetências de ambos os lados. Todtleben é o único homem nos acampamentos que tem demonstrado uma centelha de gênio.”

<sup>25</sup> N.E. No original, a frase entre aspas está tanto em alemão quanto em inglês.

<sup>26</sup> N.E. Sweaborg era um forte situado num arquipélago na entrada do porto de Helsink, no Golfo Finlandês (nome finlandês moderno: Suomenlinna). O bombardeio em Sweaborg pelos navios britânicos e franceses, descrito no artigo, ocorreu em 9 e 10 de agosto de 1885.

<sup>27</sup> N.E. Ao invés da parte precedente deste parágrafo, o *New York Daily Tribune* traz: “A respeito do ataque à Sweaborg, estamos também ainda sem relatórios oficiais completos ou correspondências de jornais. Os fatos, no entanto, aparecem sob cuidadoso exame de todas as informações que temos a seguir.”

<sup>28</sup> N.E. No original, Marx utiliza este termo em inglês [blockships].

<sup>29</sup> N.E. A referência se deve ao relatório do Almirante Dundas, que foi publicado no *The Times*, nº 22134 de 16 de agosto de 1855, e ao relatório do Almirante francês Penaud, publicado no *Le Moniteur Universel*, nº 227, em 15 de agosto de 1855.

<sup>30</sup> N.E. O fim deste parágrafo, a partir das palavras “em parte porque Palmerston queria...”, foi omitido no *New York Daily Tribune*.